

PSICÓLOGO ESCOLAR: O PAPEL DO PROFISSIONAL NO COMBATE AO BULLYING

¹Kátia Farias Antero

Universidade Estadual da Paraíba (Campus I); Faculdade Maurício de Nassau (Campus – Campina Grande);
Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Cultura e Diversidade – NUPEDI/IFPB –
CNPQ

E-mail: professorakatiaantero@hotmail.com

²Renata da Silva Cabral

Email: renata12cabral@hotmail.com

Uninassau - CG

³Arethusa Angre do Rego Antero

Email: arethusaantero@gmail.com

Resumo: Constantemente tem se tornado comum acompanhar nas repercussões da mídia, casos ocorridos no interior das escolas no que tange ao *Bullying*. Esse fenômeno tem preocupado pais e todos da escola, pois tem se tornado um problema generalizado podendo resultar em prejuízo ao psiquismo. Dada a importância do fato, faz-se necessário a presença do psicólogo escolar com ações que combata ao *Bullying* na escola bem como organizar seu enfrentamento. O objetivo desse trabalho volta-se em destacar a relevância do psicólogo escolar no combate ao *Bullying*. A metodologia escolhida gira em torno de pesquisas e leituras bibliográficas sobre a temática nas contribuições de estudiosos como Fante (2015), Francisco & Libório (2008), Campos & Jorge (2010), Santos (2011), dentre outros pesquisadores, além das análises de pesquisa de campo realizada em uma escola da rede pública de uma cidade paraibana. A investigação leva-nos a compreender a dimensão do trabalho do psicólogo escolar e a importância de suas ações no interior desse espaço no que tange ao *Bullying*.

Palavras-chave: Psicólogo escolar. *Bullying*. Enfrentamento. Combate.

Introdução

O *Bullying* é uma atitude violenta que tem crescido nos mais variados espaços e na escola não tem sido diferente. É um problema a ser enfrentado devido às graves consequências que podem ser resultadas de tal prática e que tem acontecido a nível global independente de classe social. Considerada com uma violência ao outro, pode ser apresentada

¹ Mestre em Filosofia da Educação - Faculdade São Bento; Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, cultura e diversidade – NUPEDI/IFPB – CNPQ, professora do Centro Universitário Uninassau - PB, e da Universidade Estadual da Paraíba UEPB- PB, professorakatiaantero@hotmail.com.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Uninassau – Campina Grande, renata12cabral@hotmail.com

³ Graduada em Letras – UFCG, arethusaantero@gmail.com

de formas diversas, no entanto, é uma ação consciente, ou seja, o agressor faz todas as suas ações de caso pensando e consciente do que faz e fala desvelada através de palavras, gestos, apelidos, intimidação ou até mesmo discursos preconceituosos sendo conceituado assim com uma violência psicológica.

Fante (2015, p. 41), afirma que “embora no Brasil não existam dados precisos sobre a violência praticada por crianças e adolescentes no âmbito escolar, verifica-se que este fenômeno está presente em nossa sociedade, atingindo diariamente uma grande quantidade de indivíduos”.

Diante disso, convém destacar o quanto é necessário a presença de um psicólogo na escola com ações que visem à identificação do fenômeno e como combatê-lo orientando não apenas os alunos, mas toda comunidade escolar, uma vez que, todos precisam compreender com ser ativo no combate. Segundo Santos (2011):

Atendo-se ao bullying escolar, sabe-se que, comumente, a vítima trata-se de criança e/ou adolescente. Isto não significa que os colaboradores da escola, tais como professores, auxiliares, inspetores, coordenadores e outros, não possam figurar como sujeitos passivos desta relação. Para definir criança e adolescente utiliza-se o critério adotado pelo art. 2º, da Lei 8.069 de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, segundo o qual se considera criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade. (SANTOS, 2011, p. 74)

Muitas vezes, na escola, as vítimas passam por situação de pressão, opressão, sendo levadas a aceitar a agressividade sem objeção nem contestar e, de maneira geral, apresenta atos que perduram por muito tempo e, portanto, não podem ser considerados como brincadeira.

Considerando o Bullying com um problema social que ultrapassa os muros da escola e a incidência elevada de casos no interior da escola, além de conter poucos trabalhos voltados para a importância do psicólogo escolar nesse espaço, justifica-se essa pesquisa, uma vez que se pretende contribuir sobre a temática abordada na intenção de aprofundar os estudos e o enfrentamento no cenário educacional.

Assim, objetivo idealizado para esse trabalho volta-se em destacar a relevância do psicólogo escolar no combate ao Bullying.

Como percurso metodológico traçamos um período de apuração dos dados e análises por 2 meses realizadas em uma escola da rede pública de uma cidade do interior da Paraíba. A

pesquisa de campo envolveu não apenas os alunos do fundamental II da instituição como todos os professores e a Psicóloga escolar desenvolvendo um projeto primordial no combate e enfrentamento dessa violência na escola. Para fundamentarmos nossos estudos nos reportamos as contribuições de pesquisadores como Fante (2015), Santos (2011), Francisco & Libório (2008), Campos & Jorge (2010) dentre outros pesquisadores.

A produção segue apresentando a construção da fundamentação de teorias que fundamentaram nosso trabalho e, conseqüentemente, encontra-se explanada a abordagem metodológica de forma mais detalhadas e, em seguida, apresenta-se os dados analisados partindo das ações realizadas na escola sendo acompanhadas desde a sua projeção até a prática e resultados. Culmina-se a escrita deste com as considerações finais (conclusão).

Reflexões sobre o Bullying

Esse fenômeno denominado como *bullying* existe há muito tempo, mas não era conhecido por esse nome. Na verdade, essa denominação ficou conhecida a partir dos anos 80 através de estudioso Olweus (1993) apresentou esse nome, em específico, como característica de agressões repetitivas que aconteciam no interior das escolas. A palavra tem origem anglo-saxônica. Na língua portuguesa pode-se afirmar que quer dizer provocação, por exemplo, mas “não há correspondente na língua portuguesa que possibilite uma tradução literal” (CAMPOS & JORGE, 2010, p. 3).

Esse problema ocorre não somente nas escolas, mas em todos os grupos sociais gerando, muitas vezes, resultados irreversíveis ao indivíduo vítima da agressão podendo chegar até ao suicídio. Pode ser praticado por um só indivíduo bem como por um grupo, mas de maneira geral, nas escolas, é mais comum as vítimas serem vitimizadas sozinhas por um grupo de pessoas.

Muitos são os efeitos advindos do *bullying* nas vítimas como, por exemplo: passam a apresentar medos diversos, sentirem muita raiva ou humilhadas, algumas se isolam, outras apresentam quadro de ansiedade, sendo estas emoções negativas. Como respostas em curto prazo, algumas apresentam mais costumeiramente, como: apresentar quedas no rendimento escolar, perde atenção e estímulos nas aulas, se isolam do grupo de amigos que pertence, perde material escolar. Em longo prazo as vítimas também iniciam um quadro de depressão, perde o interesse em freqüentar a escola, passa a cometer violência também com outras pessoas e tentam se matar. A violência é esclarecida pelo Ministério da saúde como “ações

realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam danos físicos, emocionais e espirituais a si próprios e aos outros” (BRASIL, 2001, p.7)

Portanto, convém ressaltar que os profissionais da escola precisam estar atentos quando a abordagem aos alunos em relação à origem dos atos de *bullying*, pois é necessário compreender o sujeito em sua totalidade e que frequenta os mais diversos ambientes e grupos sociais. Dá-se a importância do psicólogo escolar considerando o aluno como um ser multi da sociedade, familiar, escolar e também com suas singularidades e individualidades.

É na escola que o aluno se socializa com outros grupos, que desenvolve suas habilidades, descobre competências e se forma enquanto cidadão desenvolvendo sua criticidade e opinião. Por isso, é nesse espaço que também convém desenvolver estratégias que busquem o enfrentamento do *bullying* não somente no interior da escola, mas fora dela.

Ressaltando a importância da escola como espaço de formação e preocupação com o desenvolvimento do outro, todos têm sua parcela de contribuição no enfrentamento desse problema.

A importância do psicólogo na escola

Muitos trabalhos e projetos interdisciplinares têm sido elaborados e postos em prática no contexto escolar onde o bullying acontece com mais frequência. Projetos de intervenção precisa da figura do psicólogo escolar com agente do cenário de combate a violência, pois esse profissional ocupa o lugar de mediador entre os sujeitos da escola sendo aluno – aluno, aluno – professor, cabendo ao psicólogo escolar a função de intervir em relação ao bullying. De acordo com a resolução nº 014/00 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), cabe ao profissional da psicologia desenvolver pesquisas e diagnosticar os problemas, além de realizar ações de intervenção como prevenção ou correção tanto de forma grupal quanto individual envolvendo todos os sujeitos do âmbito educacional.

Nesse sentido, o psicólogo precisa estar habilitado para saber lidar com a prevenção e ações que combatam a violência escolar (FREIRE & AIRES, 2012), mas que há necessidade deste profissional fazer parte do quadro de funcionários da escola para que a partir de sua assiduidade e atuação possa conhecer mais de perto a realidade do espaço.

Para tanto, cabe ao psicólogo iniciar suas atividades de investigação fazendo uma sondagem da realidade da escola e seus sujeitos para que, conseqüentemente, possa realizar intervenções planejadas de modo que possa envolver os variados aspectos seja ele familiar, político, social, econômico, dentre outros.

O psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Mas, para isso, é de fundamental importância que ele esteja inserido no ambiente da escola, participando do seu cotidiano para que possa ter uma atuação específica e mais voltada à realidade. (FREIRE & AIRES, 2012, p. 58)

Diante da abordagem dos autores supracitados, verifica-se quanto é necessário o psicólogo escolar para facilitar o convívio na escola, no interior ou fora da sala de aula, nos relacionamentos interpessoais no contexto escolar. Nesse sentido, cabe ressaltar que a violência é praticada nos mais diversos espaços do interior da escola, sendo o intervalo (o recreio) o espaço que mais apresenta incidência, segundo os estudos de Francisco e Libório(2008) e Moura, Cruz e Quevedo (2011) e em segundo lugar o espaço do interior das salas de aula, com ou sem o professor estar presente. Fisher (2010) estabelece que o *bullying* ocorre em maior parte no ensino fundamental II principalmente com meninos.

Metodologia

A metodologia escolhida gira em torno de pesquisas e leituras bibliográficas sobre a temática nas contribuições de estudiosos como Fante (2015), Francisco & Libório (2008), Campos & Jorge (2010), Santos (2011), dentre outros pesquisadores, além das análises de pesquisa de campo realizada em uma escola da rede pública de uma cidade paraibana.

Ao iniciar a produção científica é necessário selecionar a base teórica que fará parte da base do aprofundamento das leituras. Nesse aspecto, a pesquisa bibliográfica é de extrema relevância para qualquer tipo de investigação, uma vez que,

A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades. (CHIARA, KAIMEN, et al., 2008).

Resultados e discussão

Inicialmente, na cidade onde foi realizada a pesquisa, contava apenas com uma psicóloga para atender a demanda das seis escolas que compõem o quadro educacional do

município, ficando essa profissional sobrecarregada para sanar os problemas que surgiam ao longo do cotidiano escolar.

O local conta com duas escolas de Ensino Fundamental II, sendo uma delas alvo da nossa investigação. O ano letivo iniciou de maneira concomitante aos anos anteriores, uma vez que todos já se conheciam por estudarem no ano passado. No entanto, uma turma em específico desta instituição começou a apresentar um quadro diferente das demais turmas esboçando brincadeiras e comportamentos agressivos e inadequados entre eles.

Os professores começaram a perceber que a situação estava se agravando chegando ao ponto de um aluno começar a firmar não querer mais voltar à escola. Por mais que os docentes aconselhassem a esse aluno ou tivesse um diálogo incentivando-o, não havia uma ação direcionada para que todos soubessem como proceder.

O fato é que os docentes precisavam de uma psicóloga escolar que atuasse na instituição, uma vez que a forma como os adolescentes desse segmento apresentam comportamentos diferentes das crianças de tenra idade.

Diante da situação, a Secretaria de Educação do município resolve então contratar uma psicóloga escolar no intuito de combater o *bullying* praticado no interior da instituição e que já estava começando a adentrar nas casas dos alunos.

A psicóloga contratada inicia seu trabalho na escola em uma reunião apenas com os profissionais da escola, sendo eles porteiro, secretárias, professores, gestora, auxiliares de serviços. A intenção era conhecer a todos e investigar quais problemas mais os afligiam na escola ultimamente. O resultado foi unânime: o *bullying* que estava sendo constante na escola e estava crescendo cada vez mais e os profissionais não sabiam como proceder e pediram ajuda a psicóloga em que como fazer para ajudar não somente as vítimas, mas afirmaram que os próprios agressores precisavam de ajudar por acreditar que havia algo por trás daqueles comportamentos na escola que não era comum de acontecer em outros anos. Essa afirmação é reforçada quando compreende-se que “A violência, tanto para quem comete quanto para quem é submetida a ela, é, na maioria das vezes, uma questão de violência repetida, tênue e dificilmente perceptível” (DERBABIEUX, 2002, p. 29).

Após essa reunião, os alunos foram levados ao auditório da escola e a psicóloga escolar foi apresentada esboçando sobre seu trabalho a fim de mostrar aos alunos que podiam nela confiar. Claro que seria um processo, afinal de contas, esse profissional estava fazendo parte da escola pela primeira vez como integrante da equipe fixa da escola.

Durante o cotidiano escolar, a psicóloga visitava as turmas para conversar dando auxílio não apenas aos discentes, mas aos docentes também. Chegada a turma que foi motivo

de preocupação por iniciar a violência escolar, a psicóloga resolveu conversar com os alunos abertamente de forma amigável. A primeira reação dos alunos ao ouvi-la foi esboçar desconfiança e medo. Afirmaram que não queria conversar com ela por não serem doidos. Partindo desse conceito, coube a profissional explicar novamente sobre seu trabalho e por qual motivo estaria ali.

A visita aquela turma tornou-se uma constante durante dois meses, período que durou o projeto de intervenção realizado pela profissional. No decorrer da intervenção, os alunos ouviam música nas quais a letra levava-os a uma reflexão sobre a valorização do outro e como o outro se sentia como conseqüências das nossas atitudes fossem elas boas ou más.

Uma palestra sobre o *Bullying* foi realizada na escola. Ficou evidenciado que a maioria não conseguia compreender que esse fenômeno era um tipo de agressão, violência escolar.

Enquanto a psicóloga falava sobre a temática, percebemos o quanto os alunos ficavam inquietos conversando entre si sobre cada situação que a profissional explanava sobre a conseqüência na vida de algumas vítimas da agressão.

A palestra contou com a exibição de vídeos com relatos de vítimas de violência escolar e como conseguiram superar, além de relatos de familiares que perderam seus entes queridos por cometerem suicídios devido à “brincadeiras” que colegas da escola praticavam.

As palavras de confiabilidade da profissional e sua firmeza em esclarecer sobre as conseqüências do *Bullying* fizeram com que os alunos passassem a procurá-la no cotidiano escolar para conversar com ela em sua sala.

A procura dos alunos para conversar com a psicóloga só cresceu e isso demonstrou o quanto às ações de uma psicóloga escolar faz a diferença na vida emocional e cognitiva dos sujeitos da escola. Paralelamente, os docentes afirmaram que conseguiam observar mudanças nos relacionamentos entre eles. Brincadeiras tiradas durante os intervalos e até mesmo em sala de aula começaram a diminuir.

A psicóloga colocou uma caixa grande de papelão no pátio da escola para que os alunos escrevessem suas angústias e se tinha alguém que estava cometendo *bullying* com eles. A intenção era não se identificarem na tentativa de tentar solucionar o problema sem expor cada indivíduo.

Ao lado da caixa com esses escritos, foi posta uma segunda caixa com sugestões para solução de combate ao *Bullying* sofrido, ficando essa livre para qualquer aluno sugerir formas de enfrentamento ao problema.

O fato é que à medida que o projeto era posto em prática, os resultados foram aparecendo e o número de *Bullying* cometido na escola foi diminuindo até que foi completamente sanado.

Diante das ações esboçadas, fica evidenciado o quanto a intervenção de combate e enfrentamento a esse tipo de violência foi importante para que a agressão definitivamente fosse finalizada e isso só foi possível devido às ações do psicólogo escolar que desenvolveu seu papel com comprometimento e paciência durante todo o processo.

Conclusão

Iniciamos partindo do princípio de reafirmação no que diz respeito a necessidade de todos os passos tomados no decorrer desta pesquisa para alcançar os objetivos idealizados desde a projeção desse trabalho. Nesse sentido, a pesquisa de campo tem uma abrangência maior em tratar um fato da realidade com maior clareza e o autor passa a ter mais propriedade sobre o que escreve.

Compreendendo o *Bullying* como um problema de fenômenos social evidencia-se o quão necessário é em tratar sobre a temática nas escolas desde a mais tenra idade. No entanto, vale salientar o papel crucial do psicólogo para fazer a parte entre uma situação real de ocorrências de *Bullying* em sala de aula ou no interior da escola e as consequências dessa prática na vida dos sujeitos envolvidos.

Como a escola é o segundo ambiente de convívio do sujeito, cabe a essa instância promover ações que combatam e/ou erradiquem essas ações. Tanto o enfrentamento quanto a prevenção podem evitar que graves situações possam ocorrer na escola, bem como fora dela, pois o ambiente escolar possui sua função social e cabe a ela levar o sujeito a refletir sobre suas atitudes.

Nesse sentido, a presença do psicólogo escolar é crucial, pois através de sua atuação, descobre-se o que está implícito, muitas vezes, no comportamento dos alunos e que geram conflitos, evitando-se, assim, atos de violência entre os estudantes. Descobre-se, portanto, quais as estratégias cabíveis a serem tomadas de modo que se contribua para um melhor desenvolvimento emocional e comportamental de todos que forma a escola.

Assim, o objetivo proposto no início da nossa pesquisa foi: Destacar a relevância do psicólogo escolar no combate ao *Bullying*. Diante dos registros em todo o corpo desse trabalho e com base nos estudos teóricos fazendo diálogo com os resultados, evidencia-se que o objetivo foi alcançado.

Cabe, quanto pesquisador, afirmar a importância dessa temática que pode servir de ponte e base para trabalhos vindouros de modo que haja maiores aprofundamentos sobre a questão do Bullying e a importância do psicólogo como profissional indispensável no ambiente escolar nos dias atuais.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria MS/GM n.º 737 de 16/05/01. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências.** Diário Oficial da União, Brasília, n. 96, Seção 1E, 18 maio, 2001.

CAMPOS, H. R., & JORGE, S. D. C. **Violência na escola:** uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. Em aberto, 23(83), 107-128, 2010.

Conselho Federal de Psicologia. (2001). **Quem é o psicólogo brasileiro?** Disponível em http://www.pol.org.br/publicacoes/pdf/Pesquisa_WHO.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2019.

DERBABIEUX, E. Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas? Em E. Debarbieux & C. Blaya (Orgs.), **Violência nas escolas: dez abordagens europeias.** Brasília: UNESCO, 2012.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Versus, 2015.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. Psicologia Escolar e Bullying . **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 55-60.

FISHER, R. M. (2010). **Bullying escolar no Brasil:** relatório final. São Paulo: CEATS/FIA.

FRANCISCO, M. V., & LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 22(2), 200-207, 2008.

MOURA, D. R., Cruz, A. C. N. & Quevedo, L. A. Prevalence and characteristics of school age bullying victims. **Jornal de Pediatria**, 87(1), 19-23, 2011

OLWEUS, D. **Bullying at school: What We Know and What We Can Do.** England: Blackwell Publishing. Disponível em Google Books.

SANTOS, José Vicente. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, jan./jun. 2011.